

“MEU NOME É OZIREZ, OZIREZ SILVA”: APLICAÇÃO DA TÉCNICA DA HISTÓRIA DE VIDA COMO ABORDAGEM METODOLÓGICA NA CARREIRA DE UM EMPREENDEDOR

“MY NAME IS OZIREZ, OZIREZ SILVA”: APPLYING THE LIFE HISTORY TECHNIQUE AS A METHODOLOGICAL APPROACH IN THE CAREER OF AN ENTREPRENEUR

Elizângela Oliveira¹, Dalila Alves Correa²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar uma aplicação da técnica de história de vida como uma das modalidades metodológicas utilizadas na pesquisa qualitativa. Parte-se do pressuposto de que os conhecimentos sobre os indivíduos são possíveis com a descrição da experiência humana sob o ponto de vista dos seus próprios atores. A aplicação da técnica ocorreu com um profissional do mercado, de renomado destaque no cenário empresarial e educacional do país. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista em profundidade, a qual foi estruturada a partir da abordagem de carreira integrante da Teoria Desenvolvimentista de Donald Super (1980), que justifica a escolha e o desenvolvimento da profissão a partir de um processo que ocorre durante todo o ciclo e espaço da vida da pessoa. O relato obtido centra-se em aspectos da dimensão *life-span* da Teoria Desenvolvimentista de Donald Super (1980), evidenciando a biografia do profissional e sua trajetória no meio acadêmico, familiar e profissional. Os resultados revelaram a viabilidade da aplicação da abordagem de carreira de Donald Super como suporte para estruturação do processo de coleta de dados, via entrevista, que buscou evidenciar o tempo e o espaço da experiência do sujeito. Destaca-se também a relevância do uso da técnica da história de vida como abordagem metodológica que contribui para a análise do homem no contexto de suas relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa qualitativa. História de vida. Teoria desenvolvimentista de Donald Super.

ABSTRACT

This study aims to present the use of the life history of art as one of the methodological procedures used in qualitative research. The life story of the assumption that the knowledge of individuals are only possible with the description of human experience from the point of view of their own actors. You shall be implemented at a professional market, renowned highlight in the business and educational scenario in the country. Your goal is to build, through the obtained reports, a part of his biography in order to show its trajectory considered exemplary in academia and industry. For structuring the interview script was used integral career approach to developmental theory of Donald Super (1980), which justifies the choice and development of the profession from a process that occurs throughout the cycle and the space of life. The study is relevant since the story of life as a methodological approach has been continuously evolving, contributing to the analysis of man in the context of their social relations.

KEYWORDS: Qualitative research. Life's history. Developmental theory of Donald Super.

¹ Doutoranda em Administração pela Universidade Metodista de Piracicaba. Mestre em Administração pela Fundação Pedro Leopoldo. Docente pelo Centro Universitário Monte Serrat.

² Doutora em Administração pela FEA-USP – Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. Docente e pesquisadora do PPGEF - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da UNIARA - Universidade de Araraquara/SP.

INTRODUÇÃO

Adentrar e buscar compreensão sobre dimensões da subjetividade das pessoas, por meio de suas percepções de vida circunscritas a uma realidade social, pode contribuir de forma significativa para o conhecimento científico, uma vez que o pesquisador, a partir de uma mesma realidade pesquisada, terá acesso a diversos ângulos interpretativos (BUCHANAN; BRYMAN, 2007). O presente artigo adotou a história de vida ou método biográfico para conhecer a realidade subjetiva da trajetória de um empreendedor de grande destaque no cenário empresarial e educacional do país. Assim, a história de vida como uma estratégia de pesquisa qualitativa se estabelece como uma fonte singular que possibilita ao entrevistador o contato com a essência do caráter humano, ao contrário de métodos ou visões teóricas, que observam, de forma predeterminada e distante, o objeto estudado (OLESEN, 2011).

Ademais, a história de vida como um registro da existência do participante (DENZIN, 1989) privilegia as manifestações subjetivas e o contato com a construção do seu pensamento, sendo considerada porta de entrada que representa a ruptura do senso comum para o universo científico (BOURDIEU, 1994; OLESEN, 2011). A abordagem da história de vida permite “esclarecer o sujeito aprendente, historicamente específico, isto é, compreendê-lo inserido no quadro social em que ele age e se exprime” (OLESEN, 2011, p. 140). Apesar dessa abordagem metodológica se desenvolver a partir das particularidades dos indivíduos (DE LA ESPRIELLA, 2013), a dimensão social é evidenciada quando se identificam os vínculos com os grupos, profissão, organizações e sociedade em geral das comunidades às quais os indivíduos são participantes (DENZIN, 1989). Nesse tipo de abordagem metodológica, é possível conhecer como as pessoas lidavam com suas dificuldades e as soluções encontradas no passado, a forma de organização da sociedade e as consequências de determinada decisão na vida delas (DE LA ESPRIELLA, 2013).

Para desenvolver esse método e sua aplicação, tomou-se como referência a teoria desenvolvimentista de Donald Super (1980), estruturada sobre as dimensões tempo e espaço de vida do sujeito. O objetivo da coleta de dados neste artigo é demonstrar que, por

meio da técnica qualitativa – história de vida –, obtém-se mais entendimento dos significados e percepções explicitados, além de se explorar o potencial dessa modalidade metodológica para compreender o desenvolvimento da profissão do participante pesquisado – dimensão pesquisada a partir da teoria desenvolvimentista de Donald Super (1980).

Super (1980, 1990) caracterizou, em uma perspectiva desenvolvimentista, as fases de crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e declínio do ciclo de vida das pessoas. Cada uma dessas fases exige um gerenciamento das tarefas coerentes com a idade cronológica (*life-span*) e com os diversos papéis reconhecidos e assumidos na vida (*life-space*). À medida que as pessoas transitam entre os papéis ao longo de sua vida, a decisão de espaço que cada papel ocupará ao longo de sua carreira é concebida por Super (1980) como ponto de decisão (*decision point*). Além dos estágios de desenvolvimento, Super (1980) enfatiza os valores como objetivos ou condições materiais presentes em determinados estados psicológicos e a compreensão das mudanças pelas pessoas em função das diversas demandas sociais em fases sucessivas do ciclo de vida, esta última caracterizando a fase de maturidade da carreira (SUPER, 1955).

Este artigo estrutura-se nas seguintes abordagens, além desta introdução: a abordagem teórica sobre a história de vida na pesquisa qualitativa; o desenvolvimento de carreira de Donald Super; a metodologia adotada; a apresentação dos dados e a análise dos resultados; e, por fim, as considerações finais.

A HISTÓRIA DE VIDA NA PESQUISA QUALITATIVA

A quantificação dos dados e a utilização de análises estatísticas são insuficientes para captarem a essência dos processos relacionais, os contextos sociais, a subjetividade e a intersubjetividade do mundo simbólico dos participantes (DESLAURIERS; KÉRISIT, 1992; GODÓI; BALSINI, 2010; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). Compreender a singularidade daquilo que conduziu os agentes a adotarem determinado comportamento só é possível quando os sujeitos forem interpretados a partir de suas razões sociais contextualizadas no nível mais profundo das experiências de cada participante (GODÓI; BALSINI, 2010; POUPART, 2008; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). A

pesquisa qualitativa dispõe de diversas abordagens metodológicas (CRESWELL, 2010) - a história de vida e, de forma peculiar, a história oral -, consideradas instrumentos do amplo campo da abordagem qualitativa. É de grande relevância para as ciências sociais e humanas e, recentemente, tem sido aplicada por sociólogos, antropólogos, historiadores, psicólogos e terapeutas ocupacionais (SILVA; BARROS, 2010).

Desenvolvido por Znaniescki, na Polônia, e divulgado no meio acadêmico, em 1920, pela Escola de Chicago e inicialmente utilizado para descrever culturas americanas nativas por antropólogos, o método biográfico ou história de vida, muito embora pouco explorado, vem evoluindo continuamente (CLOSS; ANTONELLO, 2011), sendo no âmbito das ciências sociais latino-americanas, na década de 1980, reconhecido como uma alternativa metodológica academicamente legítima (CLOSS; ANTONELLO, 2011; FOLLARI, 2014; HATCH; WISNIEWSKI, 1995; SPINDOLA; SANTOS, 2003).

Para De La Espriella (2013), a história de vida é considerada uma das metodologias mais importantes das Ciências Sociais e Humanas, pois compreende uma abordagem que não se restringe apenas a uma fonte de dados, mas que privilegia a investigação dos sentidos que as pessoas atribuem a sua história ao longo de suas experiências. Diante disso, a história de vida tem como uma de suas especificidades permitir que o investigador estabeleça um contato relacional, afetivo e social com o pesquisado. Isso se dá por meio de suas narrativas profundas de experiências vividas, sendo que esse contato com o mundo subjetivo do participante pode vir a ser suprimido quando se limita às aplicações de métodos de análises estatísticas (DE LA ESPRIELLA, 2013; GONÇALVES; LISBOA, 2007).

O termo história de vida, no campo das Ciências Sociais, para o sociólogo Denzin (1989), apresenta terminologias distintas, que podem ser a *life story* e a *life history* (FOLLARI, 2014; SPINDOLA; SANTOS, 2003). Quanto à *life story*, história, relato de vida ou relato biográfico, compreende-se como a história de vida que é narrada pela pessoa que a vivenciou. Nesse caso, não é necessária a verificação da autenticidade dos fatos narrados, pois o importante é captar o ponto de vista do sujeito biográfico. Em relação à *life history*, esta, além da narrativa do participante sobre sua história

biográfica, inclui ainda o aprofundamento da vida do indivíduo por meio de uma investigação particular em diversos documentos que são disponibilizados para a consulta do pesquisador.

Nesses dois casos, as narrativas por quem vivenciou a história contada devem ser registradas, utilizando-se gravações e transcrições, uma vez que uma das finalidades da história de vida, como um recurso metodológico, é permitir que os relatos sejam avaliados do ponto de vista de um processo analítico, com vistas a elucidar o objeto de pesquisa (FOLLARI, 2014; SILVA, 2011). Nesse sentido, diferentemente de outras abordagens, a história de vida compreende os indivíduos não somente como entidades individuais, mas no âmbito das sociedades, constituindo-se em uma ferramenta analítica que permite o acesso a diferentes mundos subjetivos.

CATEGORIAS DE HISTÓRIA DE VIDA

Para Souza e Fernandes (2014), a história de vida dispõe das seguintes categorias centrais: *self* e reflexividade; contexto; transformação/compromisso com a justiça social; e colaboração. O *self* está articulado à diversidade de experiências contextualizadas que abrangem os aspectos psicológicos, sociológicos e culturais do indivíduo, que se constitui no agente ativo de sua própria história. A reflexividade é um ponto-chave, pois, ao narrar os fatos significativos que marcaram a sua vida, o participante adentra em um processo de aprendizagem por reflexão, uma vez que ele revive suas experiências e progride como ser humano (DE LA ESPRIELLA, 2013; DENZIN, 1989).

Os contextos físico, institucional, social e cultural são o pano de fundo que centraliza a análise e a discussão da experiência do agente pesquisado. A categoria transformação/compromisso com a justiça social relaciona-se com a preocupação do agente em contribuir com a justiça social no sentido de explicitar uma perspectiva crítica sobre os sistemas de dominação, opressão e ideologia, cuja finalidade é sugerir transformações nos cenários políticos e sociais. “Os investigadores que utilizam essa abordagem procuram desenvolver pesquisas que possam fortalecer grupos e pessoas em situação de marginalização e opressão” (SOUZA; FERNANDES, 2014, p. 302). A colaboração constitui-se em uma

das categorias mais importantes da história de vida, que deve apresentar características de ser uma metodologia dialógica e interativa (ACUÑA, 2013). Assim, tanto investigadores e entrevistados trabalham para uma coconstrução do sentido ao pesquisarem as ações vividas pelos indivíduos, a aceitação de normas e comportamentos e a forma como os participantes vivenciam as mudanças que marcaram suas vidas (SOUZA; FERNANDES, 2014).

Diante disso, por meio da história de vida, as pessoas constroem um mapa cognitivo e narram o seu desenvolvimento como indivíduos em âmbito ambiental e sociocultural, permitindo ao pesquisador se aprofundar em novas explicações sobre os acontecimentos narrados pelas pessoas (ACUÑA, 2013; DE LA ESPRIELLA, 2013; QUINTERO-BORBOA, 2012). A história de vida como técnica lida com percepções das pessoas sobre experiências recordadas, o que permite uma proximidade mais profunda do investigador com as sequências de ações do passado que são explicitadas pelo participante (ROSENTHAL, 2014). Nesse sentido, é possível, ainda, por meio desse método, compreender os vários projetos da vida do indivíduo ao longo dos anos, como, por exemplo, as relações estabelecidas com a camada social e global e com o grupo da profissão escolhida pelo narrador (ROSENTHAL, 2014). Com o objetivo de compreender a escolha e o desenvolvimento da profissão do participante pesquisado, na próxima seção, apresenta-se a teoria desenvolvimentista de Donald Super (1980).

DESENVOLVIMENTO DE CARREIRA PARA DONALD SUPER

Compreende-se como carreira a percepção individual, a sequência e a combinação de papéis que são assumidos pelas pessoas no decorrer do curso de suas vidas (BARROS, 2010; SUPER, 1980). A palavra carreira é proveniente do termo inglês *career* e significa caminho, “trajetória, mobilidade ocupacional, estabilidade ocupacional ou caminho a ser desbravado”. Está relacionada às posições hierárquicas de uma organização (DUTRA, 2010). A discussão sobre o assunto carreira no Brasil, no âmbito da academia e das organizações, ainda é muito incipiente, uma vez que ele está fortemente associado à remuneração, e isso,

segundo Dutra (2010), suscitaria profundos questionamentos na esfera salarial da empresa.

O estudo da carreira surgiu no cenário da Revolução Industrial, no século XX, com as novas formas de trabalho e proliferação de profissões (DUARTE, 2000; SAVICKAS, 2012). Dessa forma, a concepção de carreira era caracterizada por linearidade, relações duradouras ou uma sequência de cargos baseada na troca da mão de obra por um salário (SAVICKAS, 2012). Por outro lado, as significativas transformações a que as organizações como um todo foram submetidas em decorrência de novas formas de gestão (CANÇADO; GENELHU; MORAES, 2007; DUTRA, 2010; SAVICKAS, 2012) e a impossibilidade de garantias de estabilidade no emprego ressaltaram o declínio do estudo das carreiras centradas na previsibilidade e na estabilidade de trabalho (CANÇADO; GENELHU; MORAES, 2007; SUPER, 1980, 1990).

Para Dutra (2010), a carreira engloba a dimensão objetiva, que são cargos e *status* estabelecidos pela sociedade, e a dimensão subjetiva, que se constitui no significado atribuído pelas pessoas à sua vida como um todo. Ao focarem a carreira subjetiva, as pessoas orientam-se para processos, papéis, competências e realização, com objetivo de alcançarem crescimento profissional (DUTRA, 2010). A tendência para as próximas décadas é um crescimento significativo da carreira subjetiva (DUTRA, 2010). Assim, as pessoas optam por carreiras e organizações que estejam alinhadas aos seus valores, à relação com a família, aos comportamentos éticos e à responsabilidade social.

Uma situação cada vez mais comum e que ilustra a carreira subjetiva é comentada por Dutra (2010, p. 4) ao se referir ao espaço social do trabalho: “[...] as várias gerações trabalhando ao mesmo tempo no mercado de trabalho: já é possível observar casos de três gerações de uma mesma família no mercado de trabalho simultaneamente, o que era muito raro no passado”. Ademais, tendo em vista que os ciclos profissionais estão cada vez mais curtos, contrapondo-se à longevidade, as pessoas necessitam cada vez mais diversificar suas carreiras ao longo da vida, manter sua independência financeira e qualidade de vida e criar o sentimento de utilidade como contribuinte à sociedade como um todo.

ÂNCORAS DE CARREIRAS

A trajetória profissional pode ser compreendida também por meio de âncoras de carreiras estabelecidas ao longo da vida das pessoas e que se alteram em função de novos aprendizados, experiências profissionais e comportamento vocacional (SAVICKAS, 2012). O conceito metafórico de âncora de carreira refere-se à imagem de retorno dos profissionais – em situações de desajustes de valores, atitudes e objetivos; às atividades que são predominantes em suas carreiras (SILVA et al. 2016). Ao escolherem opções que estão alinhadas a seus valores, suas características pessoais e vocacionais, o crescimento na carreira das pessoas passa a ocorrer de forma muito mais prazerosa (OLIVEIRA; GUIMARÃES; DE LA COLETA, 2006). A mudança na carreira é conhecida como transição de carreira (DUTRA, 2010), uma fase emocionalmente desgastante e que envolve alteração de identidade profissional. Um exemplo típico de transição de carreira é o das pessoas com mais de 50 anos que deixam o mercado de trabalho, e, embora aposentadas, manifestam muita disponibilidade e vitalidade para trabalhar. Não se afastam de suas atividades, dedicam-se à docência, ao negócio próprio, às atividades filantrópicas, entre outras atividades, devido à pressão por transição de carreira (DUTRA, 2010).

Diante disso, o estudo da carreira tem suas bases enraizadas num produto de interações complexas, o qual inclui o crescimento físico, psicológico, as características dos contextos e as experiências pessoais (SUPER, 1990). Uma das principais contribuições para essa discussão vem da concepção de carreira apresentada por Super (1980, 1990), que a descreve como uma sequência de posições ou papéis assumidos no decorrer de todo o ciclo e espaço de suas vidas e relacionados às expectativas de desempenho. Assim, um fator de grande contribuição de Super (1980) é a identificação de que as pessoas desempenham diversos papéis sociais no decorrer de suas carreiras, os quais abrangem a criança, o estudante, o homem ou a mulher nos tempos livres (*leisureite*), o trabalhador (mesmo na condição de desempregado), o cidadão, o executor de atividades domésticas (*homemaker*), o cônjuge, o genitor e o aposentado. Esses papéis serão desempenhados em quatro cenários, que são: a casa, a comunidade, a escola ou a universidade e o local

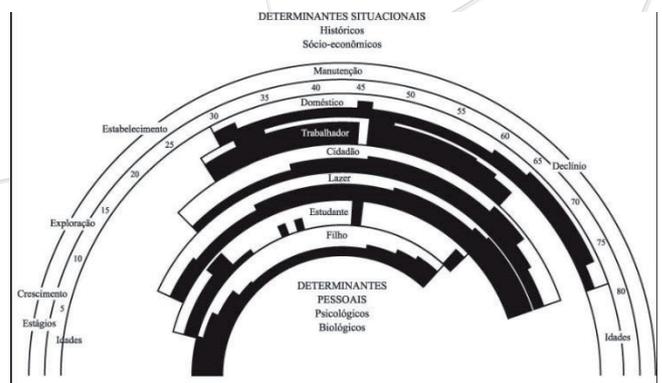
de trabalho. Para Super (1980), os papéis e os cenários estão inter-relacionados, pois a eficácia de cada papel desempenhado dependerá da compreensão da demanda dos cenários sobre as pessoas (*life-space*).

MODELOS DE DESENVOLVIMENTO DE CARREIRA

Super (1980) desenvolveu dois modelos de desenvolvimento da carreira: o Arco Normando (*Archway*) e o Arco-Íris da Vida e Carreira (*Life Career Rainbow*). O modelo do Arco Normando é representado por dois pilares em constante interação, e preconiza que tanto as variáveis pessoais – características de personalidade, interesses, valores pessoais e de trabalho no decorrer de todo o ciclo e espaço de suas vidas – como as variáveis contextuais – meio social, cultural, familiar e oportunidades de educação e de trabalho – impactam na trajetória de carreira. Já o modelo do Arco-Íris da Vida e Carreira, elaborado em 1974, que será adotado neste artigo, é representado graficamente em forma de um arco-íris, conforme a Figura 1.

O modelo Arco-Íris, representado na Figura 1, incorpora os papéis sociais, os estágios de desenvolvimento e os espaços de vida circunscritos a um ciclo vital. O modelo é representado por duas dimensões, a seguir detalhadas.

Figura 1 – Modelo Arco-íris de carreira de Super
Figure 1 – Super Career Rainbow



Fonte: SUPER (1980, p.226).

Source: SUPER (1980, p.226).

A dimensão latitudinal (*life-space*) é representada pela parte interna do arco-íris, enfatizando os múltiplos papéis assumidos pelas pessoas, em menor ou maior espaço temporal, conforme a fase da carreira,



as tarefas de desenvolvimento e a faixa etária (SUPER, 1980, 1990). Para Super (1980), os diversos papéis assumidos são de: criança, estudante, cidadão, trabalhador (inclusive na situação de desempregado), homem ou mulher (aplicados às atividades domésticas), cônjuge, pai ou mãe e aposentado. As seis tarjas de mesma espessura, na Figura 1, indicam o tempo de permanência em cada estágio dos seis grandes papéis. Já o tom sombreado nas tarjas indica o grau de participação ou adesão aos papéis. Assim, quanto mais intenso for o sombreado, mais tempo as pessoas permanecem naquele estágio.

A outra dimensão, longitudinal ou temporal (*life-span*), é representada pela parte externa do arco-íris e caracteriza os aspectos desenvolvimentistas da vida, relacionando a faixa etária aos respectivos estágios de desenvolvimento de carreira (SUPER, 1980). Nessa dimensão, encontram-se as cinco fases de desenvolvimento de carreira.

FASES DE DESENVOLVIMENTO DE CARREIRA

As fases de desenvolvimento de carreira exigem, de cada indivíduo, tarefas específicas de crescimento como condição para o estágio seguinte, de acordo com a idade e a experiência. Para Super (1980), as cinco fases são:

1ª fase: crescimento. Inicia-se na infância, aproximadamente aos quatro anos de idade, até a adolescência (mais ou menos 13 anos), e é caracterizada pela preocupação com o futuro; aumento do controle sobre a própria vida; percepção sobre as capacidades de realizar tarefas na escola e no trabalho e aquisição de competências para o trabalho. As relações significativas na vida e na família constituem figuras importantes para o desenvolvimento do autoconceito.

2ª fase: exploração. Ocorre a partir da adolescência (aproximadamente aos 14 anos) até o início da vida adulta (24 anos, mais ou menos). Nessa fase, as tarefas desenvolvimentistas são: de cristalização, compreendida como a cobrança inicial da sociedade na escolha da profissão; de

especificação, que define o compromisso com uma escolha geral alinhada aos valores pessoais e oportunidades do contexto; e de implementação de uma escolha ocupacional, que são ações em direção ao início do trabalho ou carreira a partir das escolhas.

3ª fase: estabelecimento. Corresponde à principal fase da vida adulta a partir dos 25 anos, chegando aos 44 anos, exigindo que as pessoas apresentem as seguintes condições desenvolvimentistas: estabilidade quanto à cultura organizacional; consolidação, que é caracterizada pela aplicação das aptidões e tendência à autonomia financeira; e promoção ou progressão na ocupação escolhida.

4ª fase: manutenção. Compreende a idade entre os 45 anos e os 65 anos, e é caracterizada pelo desafio de assegurar, conservar e inovar sua ocupação. Como a preocupação central nessa fase é sustentar o lugar ocupado ou buscar uma recolocação, o autoconceito nesse estágio se desestabiliza quando se realiza uma reavaliação das experiências profissionais.

5ª fase: declínio. Ocorre após os 65 anos (velhice) e mostra a desaceleração no mundo do trabalho e o início da aposentadoria.

Super (1990) contribuiu de forma significativa para a ruptura do paradigma da rigidez dos estágios de desenvolvimento de carreira ao considerar que tais estágios poderiam ser interrompidos em virtude das transformações vividas pelas pessoas no desempenho de diferentes papéis ao longo do ciclo da vida, por meio dos quais se tem a possibilidade de identificar, desenvolver, demonstrar os seus valores individuais. Tal concepção corrobora a finalidade deste artigo, que utiliza a técnica de história de vida com a perspectiva de formação e desenvolvimento de carreira de Donald Super, mais especificamente o Modelo do Arco-Íris de carreira, como instrumento para conhecer a perspectiva de como o participante da pesquisa se apresenta

em relação aos seus espaços de vida. Na próxima seção, descreve-se a metodologia do estudo.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, sendo esta a abordagem metodológica mais adequada, uma vez que se priorizam os fatos específicos e subjetivos da vida do participante (SPINDOLA; SANTOS, 2003). Das abordagens qualitativas, a mais apropriada para o objetivo do presente estudo é a história de vida, pois possibilita compreender os diversos estágios da vida sob o ponto de vista do próprio ator (DENZIN, 1989). Foi realizada a entrevista em profundidade, com roteiro semiestruturado adaptado de Ferreira e Corrêa (2015), gravada em áudio com autorização do sujeito, registrada em um Termo de Compromisso e Livre Consentimento (TCLE) e levada a cabo no dia 25 de julho de 2016. Ocorreu na cidade São Paulo, no escritório da sede do Grupo Educacional Anima, local de trabalho do sujeito, e teve a duração de duas horas aproximadamente. A gravação em áudio foi transcrita para texto impresso, no formato de arquivo PDF, composto de 34 páginas. O texto impresso foi apresentado ao sujeito e obtida a sua aprovação. Após a validação do conteúdo da história de vida pelo próprio sujeito, procedeu-se à leitura fluente do material por várias vezes, buscando-se as unidades de sentido. Desse modo, a história de vida será apresentada em dois momentos: o primeiro mostra uma síntese da trajetória do sujeito, e o segundo exhibe essa história articulada com a abordagem desenvolvimentista da carreira de Donald Super.

SÍNTESE DO RELATO DA HISTÓRIA DE VIDA

Ozires Silva é brasileiro, nascido em Bauru-SP, 85 anos de idade, engenheiro aeronáutico, mentor da Empresa Brasileira de Aviação Aérea (Embraer), ex-presidente da Petrobras, ex-ministro de Estado da Infraestrutura, ex-diretor da Varig, mentor de uma empresa de biotecnologia e atual presidente do Conselho do Grupo Educacional Anima, com sede na cidade de São Paulo.

Sua vida foi de aprendizado, e sempre buscou satisfação nas atividades profissionais que realizou, característica que mantém até hoje. Desde cedo acreditava que se colocasse amor e satisfação naquilo que estivesse envolvido profissionalmente, certamen-

te seria muito mais produtivo e eficiente. Toda a sua trajetória profissional foi marcada por determinação pessoal, e praticamente todos os objetivos almejados na infância e na juventude foram atingidos. Graduiu-se em Engenharia Aeronáutica, cursada no renomado Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos-SP. Fez seu mestrado no Estado da Califórnia-USA e detestava a hipótese de ser estudante profissional. O que Ozires realmente desejava era empreender.

Ele sempre acreditou que teria em mãos as ferramentas para fazer o que pretendia alcançar, e daí em diante se dedicou a empreender. Liderou uma equipe que levou à criação da Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer), com ideias absolutamente pessoais, e teve a sorte de ter quatro ou cinco colegas, também graduados pelo ITA, que foram fundamentais para a realização do sonho de criação dessa empresa. Posteriormente, teve a oportunidade de dirigir a Petrobras – Petróleo Brasileiro, um gigante nacional do ramo petrolífero; foi convidado para ser Ministro de Estado da Infraestrutura, que envolvia os setores Comunicações e Minas, Energia e Transportes. Posteriormente, dirigiu a Viação Rio Grandense (Varig) e criou uma empresa de biotecnologia baseada nos mesmos princípios tecnológicos que utilizou para a criação do avião brasileiro. Com grandes realizações reconhecidas e respeitadas pelos brasileiros, ele conclui e afirma que foi feliz na sua trajetória profissional.

Menciona que, certo dia, um amigo americano perguntou-lhe o que ele seria se nascesse de novo ou que vida ele gostaria de ter levado. Ao que ele respondeu: “[...] a mesma”. Quando tinha 10 anos, terminou o 4º ano do curso fundamental, concluído no grupo escolar da cidade de Bauru-SP, que era mantido naquela época pelo governo do estado de São Paulo. Aos 10 anos, seu pai, que era eletricitista, queria que ele deixasse de estudar para trabalhar e o matriculou em um curso de datilografia. À noite, ele datilografava cartas para seu pai. Aquele trabalho era feito a duras penas, pois gostaria mesmo era de estar na rua, brincando com as crianças da sua vizinhança. Ele lembra afetuosamente da mãe, a qual foi a grande contribuinte para que ele não parasse, aos 10 anos de idade, a vida de estudante – conforme estava destinado, pois seu próximo passo seria fazer o ginásio (que corresponde hoje ao ensino médio).

Para ser admitido no ginásio, naquela época, era exigido um concurso muito disputado, pois a cidade não dispunha de vagas suficientes para os alunos, portanto, ele tinha de vencer uma acirrada competição para dar continuidade aos seus estudos. Para garantir a vaga, sua mãe conseguiu uma professora para ele, a Dona Mocica, que mantinha um cursinho para preparar os jovens de 10, 11, 12 anos para fazer esse concurso. Levou mais ou menos uns três ou quatro meses de preparação e, nesse período, conheceu uma pessoa que o acompanhou durante longo tempo de sua vida: Benedito César, o Zico, com quem teve profunda e longa amizade. Ambos foram aprovados e iniciaram juntos no ensino médio, sendo colegas na mesma classe – condição que criou e reforçou os laços entre eles.

Zico era um sujeito brilhante e, desde o começo, Ozires sentiu que conviver com aquela pessoa seria um grande privilégio, porque Zico era extremamente criativo e já tinha uma visão interessante do mundo, apesar dos 11 anos. Nessa idade, o mundo estava embutido na Segunda Guerra Mundial. Naquela época, a Alemanha estava vencendo todas as batalhas, ocupando toda a Europa, avançando sobre a África. O ditador alemão, Hitler, tinha aprovação imensa da população alemã. Em 1941, quando Ozires completou 11 anos, por indução do Zico – que era extremamente bem informado –, começou a ler cada vez mais jornais. E foi nessa coleta de informações que, conversando com o amigo, passou a frequentar o Aeroclube de Bauru.

Nesse aeroclube, tivera outra oportunidade de conhecer uma segunda pessoa extremamente influente na sua vida. Era um alemão – na realidade um suíço, mas que tinha se educado na Alemanha – que havia fugido da Segunda Guerra Mundial e veio para o Brasil. O Aeroclube estava em pleno desenvolvimento, muito apoiado pelo presidente da estrada de ferro, que começava a atuar na cidade de Bauru, noroeste do Brasil. Com o apoio desse presidente, foram criadas a escola de aeromodelismo, a escola de planadores e a escola de pilotagem. Esse aeroclube oferecia formação completa para quem quisesse voar. E então, aos 12 anos e na companhia do amigo Zico, começou a frequentar esse espaço e a receber atenção e forte influência do alemão, que demonstrava para eles as extraordinárias invenções e soluções técnicas que havia nos aviões.

Essas informações provocaram grande entusiasmo nos dois jovens, pois os aviões eram simples naquela época, mas já tinham a raiz das aeronaves de atualmente. O alemão descrevia as ideias brilhantes dos criadores dos aviões, e isso aguçou muito a curiosidade dos dois jovens, até que um dia, em uma conversa, o alemão citou a expressão: engenheiro aeronauta. Desde então, Zico e Ozires decidiram que queriam ser engenheiros aeronautas. Nesse ponto de seu relato e focalizando a figura do alemão e do amigo Zico, Ozires expressa que “o meio, a sociedade, as pessoas são decisivas para a formação de pessoas de sucesso e empreendedoras”.

Outro impulso importante para Zico e Ozires foi a influência de um professor de Química que era fã de Santos Dumont e sempre iniciava a aula com uma preleção sobre esse grande inventor. Como os dois amigos tinham acompanhado as notícias e os passos da Segunda Grande Guerra, bem como o desenvolvimento dos aviões, tanto do lado dos alemães quanto do lado dos aliados, passaram a questionar o que havia acontecido com o Brasil de Santos Dumont. A partir de então, e com as ideias que trocavam com o alemão, começaram a acompanhar de perto e a ter as primeiras ideias em relação à supremacia da tecnologia, apostando que quem dominasse melhor as técnicas de armamento ganharia a guerra.

Naquela época, começaram a buscar informações internacionais. Foi então que o pai de Ozires, que era eletricitista, tinha realizado um trabalho para um sujeito que não pôde pagar pelo serviço e deu-lhe como pagamento um rádio Zenith Transoceânico. Era um rádio com ondas curtas e expandidas, um presente considerado por Ozires uma benção do céu para ele e para o amigo Zico, pois, a partir daquele momento, tiveram acesso a notícias internacionais sobre as guerras e a produção de aviões. O rádio sintonizava as emissoras estrangeiras, em particular a BBC de Londres, no idioma inglês. Para compreenderem o inglês tiveram ajuda da professora Dona Dulce. E assim, com as aulas de inglês que recebiam, orgulhosamente, todos os dias, os dois amigos antecipavam as informações para os seus colegas sobre as notícias que saíam no jornal somente da manhã seguinte.

Zico e Ozires contaram com pessoas de grande influência em suas vidas de estudantes, como o diretor

do ginásio, que, segundo Ozires, era um sujeito excepcional e procurava os melhores professores para o colégio estadual; professores que, inclusive, ajudaram a mudar suas vidas. Eles começaram, então, a se desligar da cidade natal, porque o único emprego que lhes era oferecido era ser ferroviário, e eles queriam trabalhar na aviação. Diante disso, passaram a discutir suas vidas e como poderiam ser engenheiros aeronautas. Não existia no Brasil o curso de Engenharia Aeronáutica nesse período, pós-guerra de 1945, ocasião em que os dois jovens estavam finalizando a 4ª série do ginásio e embarcariam no curso científico.

Após essa etapa, teriam de partir para o curso superior, o qual deveriam cursar fora da cidade, pois a oferta desses cursos era muito escassa. No entanto, suas famílias não tinham condição financeira para sustentar esse ideal, e para ganhar uma bolsa de curso superior era absolutamente necessário contar com uma credencial para fazer Engenharia Aeronáutica fora do país. Focados na ideia do avião e de se tornarem engenheiros aeronautas, bem como decididos a trabalhar em uma fábrica de aviões, e não em fabricar aviões, eles chegaram a escrever para muitas universidades americanas, das quais receberam propostas. Mas, discutir dólar com seus pais, que não ganhavam nem o salário mínimo, era outra realidade.

Cada vez mais aumentava a inquietação dos dois amigos, que tinham de fazer qualquer coisa para se formarem como engenheiros aeronautas. E foi em uma dessas discussões, no banco de uma praça localizada em Bauru-SP, que, em determinado dia, um sargento do Tiro de Guerra atravessou a rua e foi conversar com eles, questionando: “O que vocês conversam tanto aí?” Contaram para o sargento o desejo de se tornarem engenheiros aeronautas, e este lhes perguntou: “Por que vocês não começam, então, pela FAB, a Força Aérea Brasileira?” Naquela época, a FAB realizava um concurso nacional, e os aprovados ganhavam o curso superior e se formavam como oficiais aviadores. Foi então que Zico e Ozires, com muita dificuldade financeira, realizaram o exame para o concurso, mas, na primeira tentativa, foram reprovados. E novamente o alemão entrou em ação e disse para Zico e Ozires:

Vocês têm de olhar a vida como uma escada [...] que pode ser, às vezes, íngreme

e, às vezes, ter os maiores degraus. Eu não conheço ninguém que teve sucesso subindo essa escada pelo último degrau, vocês têm que enfrentar o primeiro degrau. Vocês enfrentaram o primeiro degrau, mas não conseguiram subir [...] quer dizer, então, que vocês não se esforçaram suficientemente.

No ano seguinte, em 28 de abril de 1948, após se dedicarem arduamente, juntos, os dois amigos prestaram novamente o concurso. Dessa vez, foram aprovados e matriculados na Escola da Aeronáutica, onde eram conhecidos como “os bauruzinhos”, porque estavam sempre juntos. Em 1950, a FAB tinha criado o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), os dois se formaram em 1951. Zico decidiu ir para o esquadrão de caça da FAB, que ficava em Santa Cruz-SP. E Ozires aceitou sua transferência para Belém do Pará, porque voaria em um hidroavião, que fazia uma espécie de correio da fronteira, apoiando populações ribeirinhas.

Em 15 de março de 1955, em uma aterrissagem, o avião do amigo Zico caiu em um pântano, e ele veio a falecer. Segundo Ozires, esse acidente confirma uma premonição que o amigo Zico tivera uma semana antes da sua morte. Esse acontecimento foi um choque profundo na vida de Ozires, pois, a partir daquele momento, no ano de 1955, ele começou a se distanciar daquele mundo construído juntamente com o grande amigo e passou a se sentir muito sozinho.

Depois da terrível perda, estava Ozires dormindo na base aérea do Galeão quando, às 3 horas da manhã, foi acordado por outro oficial para fazer o voo com ele, pois esse era aluno do ITA. Seu nome era Antenor Correia de Souza, chamado por Ozires de Correia. Durante aquele voo, Correia explicou como era o ITA e começou a fazer perguntas sobre a vida pessoal de Ozires: “Rapaz, você tem todas as credenciais para fazer um requerimento ao Ministro. Se o ministro autorizar você a prestar concurso para o ITA, se você passar no concurso, você ganha uma bolsa integral para ser engenheiro aeronauta”. Essas palavras fizeram com que, de repente, Ozires se sentisse profundamente fortalecido. Ele subiu naquele avião como aviador da Força Aérea e desceu dele como se fosse engenheiro aeronauta, determinado a obter a autoriza-

ção do Ministro para prestar o concurso.

Ozires iniciou uma rotina intensa de estudos e recorreu afetivamente à memória do amigo Zico, dizendo: “Zico, me ajuda, vamos passar nesse concurso”. Esse era o sonho dos dois. O sonho de se tornar engenheiro aeronauta, felizmente, concretizou-se. Na formatura, realizada no dia 12 de dezembro de 1962, ele recebeu destaque como um exímio aluno e foi honrado com vários prêmios pelo excelente desempenho no curso. Ao se formar, aos 32 anos, e no momento de receber o diploma, comentou: “Peguei o canudo, olhei para ele e falei: ‘Zico, hoje somos engenheiros aeronautas’”.

Depois da graduação em Engenharia Aeronáutica, Ozires foi convidado para trabalhar no CTA, que é o departamento de pesquisa da Força Aérea Brasileira, no departamento de aeronaves. Uma pergunta que Ozires sempre fazia era: “O que nós fizemos desde Santos Dumont?” Era o ano de 1963. Praticamente haviam se passado 60 anos do voo de Santos Dumont, e o Brasil ainda estava importando avião de forma absurda. Essa realidade o incomodava e ele se perguntava constantemente: “Poxa, será que nós não podemos começar a fabricar avião?” E foi nessa ocasião que ele pensou, realmente, em criar uma fábrica que pudesse ter o avião de propriedade intelectual brasileira. “Quer dizer, um avião que fosse genuinamente brasileiro”.

Sempre acreditou que se o “meio” fosse inteligente ele produziria pessoas inteligentes. A partir desse estágio embrionário e de muitos obstáculos e desafios, foi criada a Embraer. “Uma Embraer que faz avião... e está no mundo inteiro”. Quando Ozires analisa a realidade da Embraer de hoje, define-a como sendo maior do que os seus sonhos, e afirma que o importante para o empreendedor é a capacidade de equilibrar todas as variáveis que o afetam, de forma que o encaminhe na direção dos seus objetivos.

Atualmente aposentado, Ozires preside o Grupo Anima Educacional. Depois do ano de 1960, nunca tirou férias e justifica que estar trabalhando é uma forma de contribuir para a sociedade e ajudar na formação de seus netos. Na educação, ele motiva seus alunos e professores quanto à importância do trabalho que fazem para as gerações do futuro. Propaga a ideia de que vale a pena levar uma vida dedicada, digna de bons resultados para a comunidade e responsabilizan-

do-se por cada ato, pois ser um cidadão é o que vale a pena realmente.

Na próxima seção, será apresentada a análise da história de vida de Ozires Silva e as fases de vida e papéis assumidos ao longo da trajetória profissional, a partir da perspectiva desenvolvimentista de Donald Super.

A HISTÓRIA DE VIDA REPRESENTADA NO MODELO ARCO-ÍRIS DE CARREIRA

Super (1980, 1990) caracteriza, em uma perspectiva desenvolvimentista, as fases de crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e declínio do ciclo de vida das pessoas. Cada uma dessas fases exige um gerenciamento das tarefas coerentes com a idade cronológica (*life-span*) e com os diversos papéis reconhecidos e assumidos na vida (*life-space*). A seguir apresenta-se a história de vida de Ozires Silva, incorporada aos papéis sociais, aos estágios de desenvolvimento e aos espaços de vida circunscritos a seu ciclo de vida, conforme a abordagem do modelo de Super (1980, 1990):

1ª fase: crescimento. Inicia-se na infância, aproximadamente aos quatro anos de idade, até a adolescência (mais ou menos 13 anos), sendo caracterizada pela preocupação com o futuro. Nessa fase, a mãe de Ozires foi o fator de grande relevância para que ele continuasse seus estudos. A figura materna expressa a primeira força alavancadora da sua formação escolar e também humana:

Quando eu tinha 10 anos, meu pai queria que eu deixasse de estudar e passasse a trabalhar para poder ajudar no sustento da família. Eu tive muita sorte, porque a minha mãe ficou doida. Eu assisti à briga dos dois, onde ela venceu. Ela falou: “não, ele pode até trabalhar, mas não sai da escola de jeito nenhum, que eu não deixo ele sair da escola”. Ela foi a grande contribuinte para que eu não parasse a minha vida naquele momento dos 10 anos... Minha mãe, quando brigou com ele por causa da minha educação, sabia que a educação seria importante.



Nessa 1ª fase de crescimento, segundo Super (1980, 1990), ocorre a construção das relações significativas da vida. Exemplificando esse aspecto, Ozires contou com o apoio da mãe, do “meio inteligente” e teve influência de excelentes professores, que contribuíram de forma positiva para uma formação sólida do seu processo de aprendizagem. A partir dessas figuras, enfaticamente, ele realça a importância do meio:

Eu sempre insisto em dizer que nós somos um produto do meio. Insisto mesmo em dizer que, se o meio for inteligente, produz pessoas inteligentes. E o meio o que é na realidade? A cidade em que nós moramos, nossos amigos, a sociedade em que a gente vive. Que seja estimulante ou não. De uma forma ou de outra, seja do ponto de vista positivo, como negativo, a sociedade tem um valor extraordinário. Eu cito, assim, em uma extensão, que, por exemplo, se o Einstein tivesse nascido na África, certamente não seria o físico que nós conhecemos. Ele nasceu na Alemanha, e o ambiente na Alemanha era extraordinariamente culto, desenvolvido para o apoio às ideias que ele professava, inclusive as contribuições na Física, que foram marcantes na vida do Albert Einstein. E eu morava em Bauru, no interior do estado de São Paulo... Então você pode imaginar. O meio em torno de onde eu vivi foi extremamente importante.

Cabe destacar que é na 1ª fase que se estabelece a percepção sobre as capacidades de realizar tarefas na escola e no trabalho e a aquisição de competências para o trabalho (SUPER, 1980). Para Ozires, os laços de amizade estabelecidos com Zico, ao longo da trajetória de vida de ambos, foi o ponto de sustentação para gerar o desejo de se desenvolver como estudante, profissional e empreendedor, desde os 11 anos de idade, conforme ele relata ao mencionar essa fase:

Nós fizemos uma amizade muito sólida, lá com a Dona Mocica, e fizemos o concurso... nós dois para o ginásio do Esta-

do... O Zico, em particular, era um sujeito brilhante. Eu sentia, desde o começo, que viver com ele seria até um privilégio, porque ele era extremamente criativo e já tinha alguma visão do mundo, apesar dos 11 anos... Por indução do Zico, eu comecei a ler cada vez mais jornal. Ele era extremamente bem informado.

2ª fase: exploração. Ocorre a partir da adolescência, aproximadamente aos 14 anos, até o início da vida adulta (24, mais ou menos). É caracterizada por tarefas desenvolvimentistas, compreendida como a cobrança inicial da sociedade na escolha da profissão (SUPER, 1980, 1990). Ozires afirma com muito pesar:

Meu pai era eletricitista, ele trabalhava nas casas para fazer ligações elétricas ou coisas desse tipo. Queria que eu trabalhasse com ele, eu trabalhava à noite com ele. Ele me colocou em uma escola de datilografia para poder escrever as cartas para ele, que eu escrevia à noite. Escrevia sentindo uma pena enorme, porque eu ouvia o ruído da criançada brincando na rua, porque não tinha televisão, não tinha nada disso, os meninos brincavam na rua. Eu ouvia os gritos dos meninos brincando na rua e eu lá, em uma máquina mecânica; Royal era o nome da máquina. Eu ficava fazendo as cartas para o meu pai à noite.

Assim, na 2ª fase (de exploração) da vida de Ozires, é possível observar uma tentativa do pai de querer influenciá-lo na opção de carreira/trabalho a ser assumido por ele em sua fase adulta. Por outro lado, Ozires, influenciado pelo amigo Zico, passou a se interessar desde cedo pela aviação e a ter contato com pessoas extremamente influentes em sua vida profissional:

O Zico passou a frequentar o Aeroclube de Bauru e me levou para lá, onde tivemos uma outra oportunidade, com uma pessoa extremamente influente na minha vida. Era um alemão – na realidade ele era suíço... O aeroclube estava em pleno



desenvolvimento... E aí com 12 anos Zico e eu começamos a frequentar esse lugar que influenciou definitivamente nossas carreiras [...]

A 2ª fase (de exploração) para Super (1980, 1990) compreende ainda a especificação, que define o compromisso com uma escolha geral alinhada aos valores pessoais e oportunidades do contexto; e a implementação de uma escolha ocupacional que são ações em direção ao início do trabalho ou carreira a partir das escolhas. Nesse aspecto, Ozires foi beneficiado novamente por um fator externo, ou “meio”, e pessoas que colaboraram de forma significativa para sua escolha profissional:

[...] ficávamos [Zico e Ozires] em volta do alemão... E o alemão, então, mostrava para nós o que os aviões tinham. Não só os planadores, mas as partes mecânicas do avião comum. Ele foi mostrando as extraordinárias invenções e soluções técnicas que havia nos aviões. E ele começou a nos entusiasmar com isso. Aquela conversa começava a enaltecer tudo que tinha sido inventado que permitisse o avião voar de uma forma prática, quer dizer, era a hélice, o motor, as partes elétricas. Os aviões eram simples, como se pode imaginar, mas já tinham a raiz dos aviões de hoje... E foi aí que ele começou a nos interessar e a descrever quem eram as pessoas que tinham essas ideias brilhantes e que tinham desenvolvido tudo isso. Nós ficamos curiosos com isso, até que um dia ele citou a expressão mágica para nós: engenheiro aeronauta... ele descrevia as atividades do engenheiro aeronauta... eu e Zico, cheios de encantamento, decidimos que nós queríamos ser engenheiros aeronautas.

3ª fase: estabelecimento. Corresponde à principal fase da vida adulta (dos 25 anos aos quase 44 anos). Essa fase exige das pessoas algumas condições desenvolvimentistas como, por exemplo, a pro-

gressão na ocupação escolhida (SUPER, 1980, 1990). No caso de Ozires, a progressão na ocupação escolhida iniciou-se quando ele e Zico decidiram que seriam engenheiros aeronautas. Para isso, precisariam de curso superior e também de deixar a cidade de Bauru -SP, que na época só oferecia como emprego a ocupação de ferroviário:

E com isso o Zico e eu começamos a nos desligar da cidade, porque o único emprego que a cidade oferecia era ser ferroviário. Era a origem de três estradas de ferro, que funcionavam bem, e nós não queríamos ser ferroviários, nós queríamos trabalhar em aviação. Então, nós nos desligamos disso e começamos a discutir nossas vidas. Como nós poderíamos ser engenheiros aeronautas? Não existia curso de Engenharia Aeronáutica nesse período lá... Enfim, nós estávamos embutidos com essa ideia toda do avião e de ser engenheiro aeronauta.

As famílias de Ozires e de Zico não tinham condições financeiras para custearem um curso superior, foi então, mais uma vez por influência de uma pessoa, o sargento do tiro de guerra em Bauru, que Zico e Ozires foram estimulados a prestarem o concurso para a Força Aérea Brasileira (FAB). E conseguiram, na segunda tentativa, no dia 28 de abril de 1948, a aprovação:

[...] um determinado dia, nós estávamos conversando e havia um sargento do Tiro de Guerra em Bauru... Ele era o comandante do Tiro de Guerra lá em Bauru. Ele atravessou a rua e foi conversar conosco. Perguntou: “o que vocês conversam tanto aí?” Era comum nosso encontro naquela praça. Quase todas as tardes a gente sentava lá... Aí nós contamos para o comandante nosso desejo de ser engenheiro aeronauta e tudo isso. Ele falou: “Por que vocês não conhecem um... começam, então, pela FAB?”, pela Força Aérea. Nós não sabíamos exatamente o que



era a Força Aérea, ele disse: “[...] a Força Aérea todo ano faz um concurso nacional...” E aí nós topamos. E ele nos ajudou.

Refletindo a partir do relato de história de vida de Ozires, é possível verificar como a carreira apresenta bases enraizadas. As características dos contextos e as experiências pessoais (SUPER, 1990) impactaram imensamente o delineamento de sua trajetória, suas escolhas pessoais e profissionais, que sempre estiveram alinhadas com os seus valores, suas características pessoais e vocacionais:

E aí quando nós nos formamos, em 1951, o Zico decidiu ir para o esquadrão de caça da FAB que ficava em Santa Cruz. Mas eu queria conhecer realmente o Brasil... E eu decidi aceitar uma transferência para Belém do Pará, porque nós íamos voar em um avião, um hidroavião, fazer uma espécie de correio da fronteira lá, apoiando populações ribeirinhas. Quer dizer, meu lado social já funcionava lá. Já funcionava bastante. E logo um avião hidro, que pousava nos rios da Amazônia, que era um avião extremamente útil.

4ª fase: manutenção. Compreende o estágio de manutenção e a idade entre os 45 anos e os 65 anos, sendo caracterizada pelo desafio de assegurar, conservar e inovar sua ocupação. Essa fase, marcada de forma trágica na vida de Ozires com a morte de Zico, fez com que Ozires se distanciasse por alguns anos do sonho de seguir sua carreira de engenheiro aeronauta, pois, até então, tanto Zico como Ozires eram oficiais da Aeronáutica:

E esse choque [veio] até de uma premonição que o Zico tinha tido uma semana antes... O Zico de repente falou: “Eu tive um sonho outro dia que eu não soube identificar, mas eu vi um de nós sentado em um banco do DC3, um C47, DC3, aviões daquela época, e eu vi um de nós vendo o

outro no caixão que estava sendo levado para Bauru...”. Aí quando ele morreu, eu estava aqui em São Paulo. E o pessoal da FAB sabia da amizade que nos unia... Aquilo foi um choque. Um choque enorme na minha vida. E a partir daquele momento, em 1955, eu comecei a me distanciar um pouco daquele mundo que nós tínhamos construído juntos. E estava sozinho.

Ozires sentiu, e ainda sente, muito a morte do seu melhor amigo, que foi a pessoa que mais o impulsionou na sua trajetória profissional e durante todo o ciclo de sua vida. Ozires sempre acreditou que “se o meio for inteligente, produz pessoas inteligentes”. Assim, os ventos começaram a soprar a favor de Ozires para que inovasse em sua trajetória profissional e resgatasse o sonho de ser engenheiro aeronauta:

Até que, em 1958, eu estava dormindo na base aérea do Galeão, às 3 horas da manhã, e fui acordado por um outro oficial... Ele me acordou às 3 horas da manhã para eu fazer o voo com ele... O nome dele era Antenor Correia de Souza... E o Correia, como eu o chamava, durante o voo começou a me explicar como era o ITA – Instituto Tecnológico da Aeronáutica. De repente eu me vi como engenheiro. Eu sinceramente subi naquele avião como aviador da Força Aérea, desci daquele avião como engenheiro aeronauta... O concurso, eu fiz em 1958, quer dizer, três anos depois da morte do Zico... E aí, realmente, como sempre eu recorria ao Zico, eu recorri a ele e falei: “Zico, me ajuda, e vamos passar nesse concurso”, que era o sonho dos dois. Mas felizmente eu passei.

A última fase da teoria desenvolvimentista de carreira do Modelo de Arco-Íris de Donald Super compreende a fase de declínio, que ocorre após os 65 anos (velhice), e indica para a desaceleração no mundo do trabalho e o início da aposentadoria.

5ª fase: declínio. O modelo de Super (1980,



1990), dessa forma, sugere cinco fases de desenvolvimento que correspondem à dimensão longitudinal ou temporal (*life-span*), representada pela parte externa do arco-íris. Analisando o relato de vida de Ozires, observa-se que, muito embora a sua idade atual, 85 anos, represente uma fase de declínio no Modelo do Arco-íris de Super, na realidade ele se move em direção contrária aos ventos da inatividade ou aposentadoria, uma vez que se considera apto a contribuir muito para a sociedade com o seu trabalho:

[...] porque eu ajudo meus filhos, meus netos, né? Quer dizer, eu preciso trabalhar. E não vejo nenhum [tesouro] nisso. Ao contrário, eu jamais tirei férias depois de 1960. Eu nunca mais tirei férias. Não tiro férias. Trabalho o tempo inteiro... O meu lazer era trabalhar, dia e noite.... Eu lutei por esse bom ponto de partida. Eu e o [Zico] conseguimos um bom ponto de partida... Eu estou [na educação] e procuro motivar meus alunos, os professores, da importância do que nós estamos fazendo para as gerações do futuro. Convencê-los de que é realmente isso: nós temos uma responsabilidade imensa para com o futuro. E preparar os jovens corretamente para que eles sejam cidadãos válidos e que possam cuidar da sua própria vida... Isso eu recebi dos meus pais, eles eram trabalhadores, eles trabalhavam para valer, tanto o meu pai como a minha mãe. E desde cedo eu percebi que a gente só tinha o que nos era permitido pelo trabalho que eles executavam.

Foi possível identificar, também, utilizando-se a história de vida como metodologia qualitativa deste artigo, a dimensão latitudinal (*life-space*), representada pela parte interna do arco-íris de Donald Super da vida de Ozires, que salienta os diversos papéis assumidos como criança, estudante, cidadão, trabalhador, homem, cônjuge, pai e aposentado. Em todos esses papéis, Ozires teve forte influência de Zico e do “meio” em que se inseriu. E como presidente do Conselho do Grupo Anima de Educação, atualmente, busca propa-

gar seus ideais de vida pela experiência como empreendedor:

A Embraer de hoje, eu só tenho uma expressão, dizer que se eu sonhei muito, a realidade hoje é maior do que os meus sonhos... O importante para o empreendedor é que a gente consiga equilibrar todas as variáveis que o afetam, de uma forma que o encaminhe na direção dos seus objetivos... Propagar essa ideia de que levar uma vida dedicada, dignidade, os resultados, a comunidade, quer dizer, e com a responsabilidade de cada um ser um cidadão, isso que vale a pena, realmente.

Ozires finaliza a entrevista acerca do seu relato de história de vida com uma frase que resume sua trajetória de carreira: “Eu cunhei uma frase que é minha mesmo: ‘um sábio só nasce em uma sociedade sábia, não é verdade? Se a sociedade não for sábia, não nasce um sábio...’”.

Concluídas as análises, apresentam-se, na próxima seção, as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou apresentar a utilização da técnica de história de vida como uma das modalidades metodológicas utilizadas na pesquisa qualitativa com a finalidade de evidenciar a trajetória profissional de Ozires Silva. Buscou-se relacionar a abordagem de carreira integrante da teoria desenvolvimentista de Donald Super (1980), que justifica a escolha e o desenvolvimento da profissão a partir de um processo que ocorre durante todo o ciclo e espaço da vida. As análises realizadas da história de vida de Ozires permitiram a identificação das fases do ciclo de vida e os grandes papéis desenvolvidos por Ozires em sua vida, os quais foram fundamentais para a consolidação de sua carreira. Os relatos registrados neste artigo suscitam reflexões sobre como a sociedade e as pessoas em geral podem impactar na formação de grandes empreendedores no nosso país.

Para futuras pesquisas, sugere-se a utilização de outras teorias que versem sobre o desenvolvimento



de carreiras das pessoas, uma vez que, diante das demandas do mundo do trabalho, o sujeito passa a atribuir cada vez mais sentido às atividades laborais que vão para além de simples ocupações rotineiras.

REFERÊNCIAS

ACUÑA, D. A. Memoria del pueblo kawésqar a través de una historia de vida. **Magallania**, Chile, v. 41, n.1, p. 99-122, 2013.

BARROS, A. F. Desafios da Psicologia Vocacional: modelos e intervenções na era da incerteza. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 165-175, 2010.

BOURDIEU, P. **Lições da aula**. São Paulo: Ática, 1994.

BUCHANAN, D. A.; BRYMAN, A. Contextualizing methods choice in organizational research. **Organizational Research Methods**, v.10, n. 3, 483-501, jul. 2007.

CANÇADO, V. L.; GENELHU, P. S.; MORAES, L. F. R. Comprometimento com a profissão: um estudo em uma Universidade do Estado de Minas Gerais. **READ. Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2007.

CLOSS, L. Q.; ANTONELLO, C. S. O uso da história de vida para compreender processos de aprendizagem gerencial. **Rev Adm Mackenzie (RAM)**, [S.l.], v. 12, n. 4, p. 44-74, 2011.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010.

DE LA ESPRIELLA, F. A. Historia de vida de Lely Luz Flórez Meza: boxeadora colombiana ex-campeona mundial de la categoría wélter junior del Consejo Mundial de Boxeo (CMB). **Revista Educación Física y Deporte**, [S.l.], v. 32, n.1, p. 1301-1314, 2013.

DENZIN, N. K. **Interpretive biography**. Newbury Park: SAGE Publications, 1989.

DESLAURIERS, J. P.; KÉRISIT, M. **La construction de l'objet de recherche em sciences humaines et la recherche qualitative**. Universidade Québec: Hull, 1992.

DUARTE, M. E. A avaliação da adaptabilidade da carreira em adultos trabalhadores portugueses. **RIDEP**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 12-21, 2000.

DUTRA, J. S. **Gestão de Carreiras na empresa contemporânea**. São Paulo: Atlas, 2010.

FERREIRA, L. O.; CORRÊA, D. A. **O processo sucessório da empresa familiar: proposta de formação e desenvolvimento de carreira do sucessor na perspectiva do modelo arco-íris de carreira**. 2015. 256 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2015. Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/21032016_135334_leandrodeoliveiraferreira_ok.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

FOLLARI, J. E. B. Hacer una historia de vida: decisiones clave durante el proceso de investigación. **Athenea Digital**, [S.l.], n. 14, v. 3, p. 129-170, 2014.

GODÓI, C. K.; BALSINI, C. P. V. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2. ed. São Paulo, 2010. p. 89-113.

GONÇALVES, R. D. C.; LISBOA, T. K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Katál**, Florianópolis, v. 10, p. 83-92, 2007.

HATCH, J. A.; WISNIEWSKI, R. Life history and narrative: questions, issues and exemplary works. In: HATCH, J. A.; WISNIEWSKI, R. (Ed.). **Life history and narrative**. London: Routledge Falmer, 1995. p. 113-135.

OLESEN, H. S. Exploração do sujeito problemático: história de vida, subjetividade, experiência de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 137-146, 2011.

OLIVEIRA, M. C.; GUIMARÃES, V. F.; DELA COLETA, M. F. Modelo desenvolvimentista de avaliação e orientação de carreira proposto por Donald Super. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 11-18, 2006.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. A et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução: Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008.

QUINTERO-BORBOA, M. S. Experiencia en metodología cualitativa: historia de vida experiencia in qualitative methodology: history of life. **Ra Ximhai**, [S.l.], v.8, n.3, p. 291-309, 2012.

ROSENTHAL, G. História de vida vivenciada e história de vida narrada. A interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 227-249, 2014.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. H.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. Tradução: Fátima Conceição Murad, Melissa Kassner, Sheila Clara Dystyler Ladeira. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SAVICKAS, M. L. Life design: a paradigm for career intervention in the 21st Century. **Journal of Counseling & Development**, [S.l.], v. 90, p.13-19, 2012.

SILVA, R. C. D. et al. Âncoras e valores sob diferentes perspectivas da gestão de carreira. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v. 18, n. 59, p. 145-162, jan.-mar. 2016.

SILVA, V. L. M. P. História de vida como possibilidade metodológica para Educação Cristã. **Revista Caminhando**, [S.l.], v. 16, n. 2, p. 53-63, 2011.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, São Paulo v. 21, n. 1, p. 68-73, 2010.

SOUZA, M. I. G. F. M.; FERNANDES, M. A. F. O autoestudo e as abordagens narrativo-biográficas na formação de professores. **Educação**, [S.l.], v. 37, n. 2, p. 297-306, 2014.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

SUPER, D. E. A life-span, life-space approach to career development. In: BROWN, D.; BROOKS, L. (Ed.). **Careers choice and development: applying contemporary approaches to practice**. 2. ed. San Francisco, California: Jossey-Bass, 1990. p. 197-261.

SUPER, D. E. A life-span, life-space approach to career development. **Journal of Vocational Behavior**, [S.l.], v.16, p. 282-298, 1980.

SUPER, D. E. Dimensions and measurement of vocational maturity. **Teachers Coll Rec**, [S.l.], v. 57, p. 151-163, 1955.